

O PODER DO PERSONAGEM NA CONQUISTA DO LEITOR

THE POWER OF THE CHARACTER IN THE READER'S CONQUEST

Andressa Fonseca da SILVA (UnB)

RESUMO: Atualmente, crendo que muito mais se deseja falar do que escutar, não há como não questionar o papel que a literatura, enquanto narrativa, pode desempenhar ou o espaço que ela pode ocupar em nosso cotidiano. Cada vez mais, há o desenvolvimento de novos métodos para conquistar um interlocutor que estabeleça diálogo real entre o texto e a sua própria vivência. Assim, olhando para a literatura, o questionamento torna-se: como conquistar o leitor de forma em que ele se debruce sobre a obra literária, se em seu cotidiano há tantas outras maneiras de contato com a narrativa – que é tão essencial à vida humana? Diante disso, nosso estudo recai sobre a obra *Escrever ficção: Um manual de criação literária* (2019), de Assis Brasil, a fim de que, analisando as técnicas levantadas por ele sobre a criação do personagem e sua defesa de que um personagem consistente é capaz de seduzir o público, possamos entender o quanto a personagem de um romance realmente carrega o leitor para dentro da narrativa consigo e, logo, o quanto um personagem bem construído pode fazer com que uma narrativa, em termos de leitura e escrita literária, ocupe espaço na sociedade contemporânea.

291

PALAVRAS-CHAVE: Personagem. Narrativa. Literatura. Escrita. Humanidade.

Introdução

Se pensarmos sobre o espaço que a narrativa ocupa de maneira ampla na vida do ser humano, com certeza concluiremos que se trata de algo inerente à sua existência. Muito mais do que somos capazes de perceber, o ato de narrar se instalou em nosso cotidiano e em nossos hábitos de maneira tão intrínseca como algumas de nossas necessidades mais básicas de sobrevivência - “Sem rodeios: histórias só existem quando são contadas” (BRASIL, 2019, p. 22).

O famoso “contar uma história”, a cada dia mais, com o decorrer do tempo, passou e continua a passar por muitas mutações. Já não se trata apenas da oralidade e tampouco da escrita ficcional. Entre extremos, há inúmeros meios, não só bastante difundidos, mas também muito apreciados em nossa sociedade contemporânea, de narrar ou de tomar conhecimento de fatos contados por um outro.

Com a realidade das novas tecnologias, sobretudo, mas também das artes cênicas, visuais e musicais, as formas de narração com as quais nossos avós provavelmente estiveram familiarizados já não mais produzem o mesmo efeito e recebem a mesma aceitação por parte das gerações mais jovens. A necessidade de contato com narrativas é suprida por meio de filmes, série, videogames, jogos, músicas, quadrinhos e por aí vai. A atividade da leitura em si - a sede de pegar um livro nas mãos e construir a história junto com o autor em seu imaginário - tem sido minimizada quase tanto quando a disposição que se tem de escutar histórias contadas oralmente.

Os estímulos criativos vêm de toda parte, de forma em que a narração enquanto texto literário e - mais especificamente no recorte que aqui desejo fazer - como

romance, podem ter seu espaço social reduzido ao passo em que nascem as novas gerações de leitores e escritores.

É certo que tal arte, considerando-a como algo inerente ao ser humano, dificilmente desaparecerá, mas provavelmente - e já vem acontecendo - se remodelará. Dessa maneira, se a própria sociedade, tanto quanto as formas de narrar tem se transformado, devemos pensar em um movimento de mudança da maneira como se lê romances e, mais, da maneira como se escreve romances.

O que proponho aqui se trata de um olhar possível para essas mudanças. A obra de Luiz Antonio Assis Brasil - *Escrever ficção: um manual de escrita literária* - me chamou a atenção como um bom objeto para esse tipo de análise por alguns motivos: o primeiro - que me parece ser o ponto chave da obra - é o olhar para o ficcionista, primeiramente, como ser humano e essa humanidade, como veremos mais a seguir, rege desde a necessidade do ficcionista de escrever, quanto os motivos que tornam uma obra literária interessante para um leitor; o segundo ponto - derivando bastante do primeiro - trata-se da valorização que se dá para a leitura. Já sabemos de sua importância atrelada à escrita, mas Assis Brasil parece tornar a leitura literária um dos pontos centrais para o crescimento do ficcionista na arte de narrar; e o terceiro ponto, mas não menos importante, é de que o personagem é, de fato, “o poderoso da história” (BRASIL, 2019, p. 29), o que, potencialmente, carrega o leitor para dentro da obra.

Atrelando um ponto ao outro, acredito que a aposta do autor ao desenvolver esse material, baseado em seus cursos presenciais e sua própria experiência enquanto ficcionista, seja de fato dar um novo olhar para a construção do romance, já compreendendo essas movimentações sociais que envolvem a leitura literária e a criação literária - que é, afinal, seu objetivo com o manual publicado.

1. A humanidade do ficcionista

Embora a ideia aqui seja a de analisar, sobretudo, as proposições de Assis Brasil sobre a construção do personagem e suas apostas em relação a ele - assunto abordado no segundo, e mais longo, capítulo do manual -, há a necessidade de antes abordar a questão da humanidade, tratada no primeiro capítulo, já que ela representa um dos pilares que corroboram para esse olhar sobre a narrativa contemporânea.

Assis Brasil trabalha o conceito de humanidade como a essência real do ser humano. Ou seja, ao falar sobre exercer a humanidade, o autor levanta questões como, saborear e fazer uso das experiências e sentimentos comuns e cotidianos ao ser humano (experimentar a raiva, o desapontamento, a alegria profunda, a paixão, ter lidado com situações complexas de relacionamento humano e vários outros pontos que nos tornam pessoas reais) - “Se o poeta necessita de muita sensibilidade, muita leitura, muita franqueza, o ficcionista precisa disso e mais: muita vivência” (BRASIL, 2019, p. 14).

O que essa visão pode proporcionar para esta análise? Ora, - e aqui nos lançamos em direção aos próximos tópicos, já que todos eles se entrelaçam - lembrando que o objetivo final da obra em questão trata-se de formar novos ficcionistas com a ajuda de algumas dessas técnicas tidas pelo autor como pilares para a construção de um bom romance, nada mais natural que pensar que todo texto possui, de cara, seu leitor inscrito e seu leitor real. Seja ele pensado ou não pelo escritor, ao juntar as palavras em um texto, é espontâneo considerar que alguém, em algum momento, o lerá.

Isso posto, para que o ficcionista, em sua criação literária, seja capaz de alcançar um leitor, que pode ou não aceitar o pacto de leitura e que traz para dentro do texto sua bagagem, é necessário transpor no papel sua própria humanidade - humanidade constituída tanto da necessidade e habilidade de narrar, quanto da sua essência intelectual, afetiva e social.

Para o autor, a fusão dos sentimentos do ficcionista com a narrativa a torna mais capaz de seduzir o leitor. Apenas um ser humano pode alcançar outro, essa é a premissa. Por mais distante que possa estar o escritor de seu futuro público, a aposta que Assis Brasil faz é de que algo que é real nele atravesse o largo e fluido rio que é a própria obra em si, e alcance o sujeito leitor, que dirá ou não se o que lê é real para si ou não.

2. A leitura

Partindo de tal premissa, direciono para um aspecto de toda a obra de Assis Brasil que se relaciona diretamente com a questão da humanidade, com a necessidade de se alcançar o leitor e com o desenvolvimento de uma boa escrita ficcional: a leitura.

Este é um livro imaginado para auxiliar quem deseja escrever textos de ficção. Desse modo, poderá ser lido como um manual - mas também como um percurso de reflexões sobre a escrita. Uma coisa, porém, é certa: ele jamais substituirá a leitura constante de obras literárias, a principal fonte para a formação de um escritor. (BRASIL, 2019, p. 11)

Em todos os capítulos e para trabalhar todos os tópicos que aborda no manual, o autor se vale de incontáveis trechos de obras literárias, fragmentos que explicitem o que ele diz. Assis Brasil usa, a fim de provar suas técnicas, obras que vão do clássico ao contemporâneo, do brasileiro ao russo, demonstrando na prática a importância de se ter um leque amplo de leituras.

Vincent Jouve, em *A leitura*, demonstra que tal atividade trata-se de um processo de identificação. No primeiro capítulo da obra - "O que é a leitura?" -, o autor elabora um tópico tratando a leitura como "Um processo afetivo" (JOUVE, 2002, p. 19) e argumenta:

O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, inclui igualmente - talvez, sobretudo - sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção (JOUVE, 2002, p. 19).

É, portanto, um debruçar-se sobre as ideias, as histórias, as personagens e os cenários, não só com certa expectativa, mas também com uma bagagem própria de leitor e de ser humano.

Ao falarmos que todo texto é escrito para um leitor, significa dizer que há ali um pacto silencioso, entre o que o autor do texto pode esperar que se compreenda de sua escrita e o que o leitor realmente compreende e atribui significado - e tal pacto passa minuciosamente pelas palavras e elementos que compõem o texto, se eles realmente são capazes de levar o leitor a estabelecer uma relação com o que há ali.

A importância da leitura está em enxergar que a humanidade que existe no ficcionista existe também no leitor, - com um movimento de empatia - de forma em que todo ficcionista, antes de assim se denominar, certamente, já é um leitor. Assim, o ficcionista é capaz de ter consciência dos direitos que o leitor possui - "(...) o leitor tem o direito de não aceitar o papel que lhe é atribuído" (JOUVE, 2002, p. 38) - e daí pode compreender mais precisamente - ainda que seja bastante subjetivo e incerto - o caminho que pode tomar para minimamente encontrar seu leitor. O ficcionista pode - deve - ocupar os dois espaços, primeiramente o de leitor, em seguida o de escritor e, então, retornar ao de leitor... seu próprio leitor.

Além disso, se olharmos em uma perspectiva mais técnica, das razões pelas quais cada um dos trechos selecionados compõem a obra de Assis Brasil e, mais especificamente, cada um dos tópicos trabalhados, é nítido que muito se pode aprender olhando para os caminhos traçados pelo outro - tanto erros, como acertos.

Uma das possibilidades que o ato de ler carrega, e talvez uma das que mais me encanta e umas das menos discutíveis, é o estímulo à criatividade que ela proporciona. Dificilmente um ficcionista, ou aspirante a ficcionista, deixará de se deliciar com os requintes de escrita das obras que mais lhe agradam, com os truques de narração utilizados em cada uma delas e com as personagens que o entusiasma.

Através da leitura, não só se conhece mais, ou se aprende mais sobre a criação literária e arte de narrar, mas se tem também estímulos criativos e inspirações para dar início (continuidade) a caminhos próprios, que façam sentido para o próprio ficcionista e que abram portas para que o leitor também atribua sentidos ao texto.

3. O personagem

Após tudo o que foi dito anteriormente, avançamos, enfim, para o ponto principal da discussão proposta neste trabalho: o personagem. O título do capítulo dedicado a esse elemento - "O personagem, o poderoso da história" - muito já nos sugere e abre portas para nosso grande questionamento: como o personagem conquista o leitor real.

Nas primeiras páginas do capítulo, o autor nos leva a refletir quanto ao que é capaz de nos prender na leitura de um romance. Em seu argumento, diz que, por mais que leia um livro e o considere um bom romance de maneira geral, dez anos depois talvez o leitor não se recorde com precisão do desenrolar da história, mas com certeza recordará uma personagem que o cativou. Em contrapartida, levanta que, se em algum momento, um leitor abandonou um romance após apenas vinte páginas lidas, é porque há uma desconfiança em relação ao que se lê - e aposta: a desconfiança não é em relação ao romance por completo, mas sim ao personagem, que não o convence. (BRASIL, 2019, p. 33 e p 34).

Dito isso, Assis Brasil determina que a capacidade - ou não capacidade - de um personagem convencer o leitor está indubitavelmente ligada à sua consistência, atribuindo o peso do resultado final às habilidades do ficcionista em transmitir para o personagem sua humanidade, que, certamente, será reconhecida pelo leitor, já que "Transpondo para a narrativa ficcional: o leitor deve estabelecer uma ponte direta com os personagens e a história." (BRASIL, 2019, p. 20).

Quando questionado por um de seus alunos sobre quais características um personagem deve ter para ser consistente, a resposta de Assis Brasil é enfática: "(...) ele deve ser o contrário de um manequim. Ou seja, ele precisa se assemelhar a nós." (BRASIL, 2019, p. 39). A partir daí, o autor desenvolve como se poderia construir tal consistência, por meio de exemplos, com citações de obras literárias e

indicando caminhos que considera serem eficazes - alguns tópicos que se seguem no capítulo ajudam a compreender de maneira mais explícita como funciona a consistência do personagem: ela dá verdade à história e decorre do caráter de unicidade do personagem.

O que se torna claro ao longo do capítulo é que tudo o que Assis Brasil considera como características consistentes de um personagem passa pela questão da humanidade. Para ele, é preciso que o personagem se assemelhe a seres humanos para que possa convencer seres humanos - em um trecho do manual, o autor argumenta assegurando ainda que Ernest Hemingway, em *Morte ao entardecer*, "(...) afirmou que um autor de romances, se possível, deveria, mais do que personagens, criar pessoas vivas, autênticos seres humanos." (BRASIL, 2019, p. 39) -. A existência balanceada de qualidades e defeitos escritos de maneira profunda, como se o personagem vivesse e fosse único, é o que de fato o torna o poderoso da história - capaz de conquistar um leitor.

4. Considerações finais

Isto posto, a discussão aqui proposta acerca da conquista do leitor e, logo, de um espaço para as narrativas literárias na sociedade contemporânea, se concretiza no avanço de uma relação íntima entre os três pontos citados acima, que se destacam no manual de escrita ficcional de Assis Brasil e vão de encontro à afirmação de Todorov de que

Conhecer novas personagens é como encontrar novas pessoas, com a diferença de que podemos descobri-las interiormente de imediato, pois cada ação tem o ponto de vista de seu autor. Quanto menos essas personagens se parecem conosco, mais elas ampliam nosso horizonte, enriquecendo assim nosso universo. (TODOROV, 2010, p. 80 e 81)

Muito mais do que uma simples ligação entre os três pontos, defendo um movimento dinâmico entre eles. Se o ficcionista necessita colocar em exercício sua humanidade ao escrever, a leitura proporciona a ele, dentre tantas coisas, a empatia necessária para criar algo que vá em direção ao leitor.

Crendo que o objeto literário só concretiza seu papel através da leitura (COMPAGNON, 1999), é de extrema importância pensar sobre o que poderia tocar a humanidade do leitor. A partir desse ponto, se o personagem deve ser vivo como nós, podemos pensar como papel do ficcionista projetar sua vivência (humanidade) também nele, para que, sendo ele consistente, o leitor possa se reconhecer ou negá-lo, mas, enfim, ter o prazer de dialogar com ele.

Se desejamos, então, pensar no que seria conquistar ou incentivar esse leitor potencial que esteja distante das práticas de leitura literária, mas que se deixe envolver por narrativas em diversas plataformas, crendo que, assim, a literatura continue ocupando o espaço que já tem e conquistando novos espaços, a aposta de Assis Brasil em relação ao personagem abre espaço para um envolvimento (e, logo, uma conquista) do leitor.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Escrever ficção: um manual de criação literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.

JOUVE, V. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002.

PENNAC, Daniel (1998). **Como um Romance**. Tradução de Leny Werneck. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.